

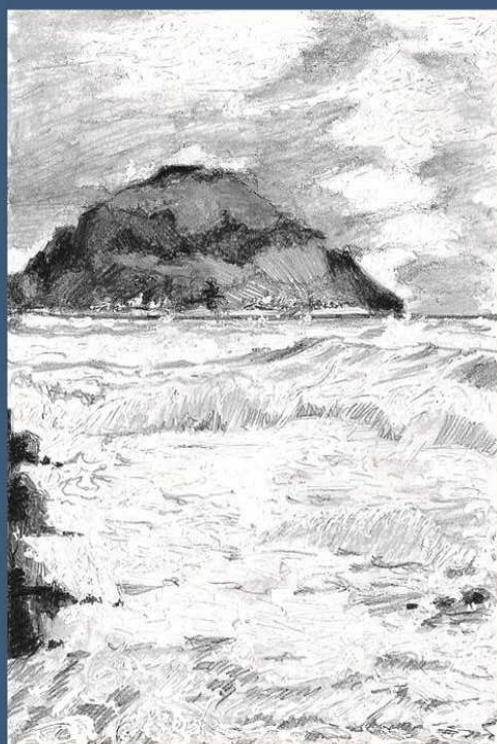
COLEÇÃO ESTUDOS E DOCUMENTOS 22

A Condição de Ilhéu

Concepção e coordenação
de

ROBERTO CARNEIRO
ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA
ARTUR TEODORO DE MATOS

Ilustração de
LUÍS DE ABREU



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA



A CONDIÇÃO DE ILHÉU

J CHRYS CHRYSTELLO

A noção primeira ~~no~~ que retive dos açorianos foi a sua inquebrantável relação umbilical à terra, bem distinta da dos transmontanos ou minhotos. Mesmo quando saem da ilha, nela ficando, levam-na na bagagem para qualquer lugar, seja ele o Canadá, EUA, Bermudas ou Havai. Não levam só a ilha mas acarretam com ela séculos de história e de tradições que insistem em transplantar como se elas tivessem raízes que pudessem medrar em solo estrangeiro e torná-lo mais ameno, hospitaleiro, em suma, açoriano.

Há um sentimento de pertença iniludível e sem paralelo nas restantes parcelas do território português por mais semelhanças que se pretendam encontrar. E trata-se de um sentimento único de pertença. Não sei se isto será notório ~~para~~ o comum dos mortais portugueses, mas para mim, que cá vivo há ~~cinze~~ anos, não só é visível como é altamente sentido e perceptível. Pode-se estranhar inicialmente, mas depois, como diz o ditado, entranha-se.

Escreveu Onésimo T Almeida:

Se cada grupo humano não é um mero reproduzidor e imitador do modelo cultural que recebeu, alguns grupos vão mais longe no desenvolvimento de uma ou mais facetas da sua atividade. Nalguns casos, chegam ao ponto de ser originais em relação ao já feito por outras culturas do círculo ou ramo a que pertencem, ou a ser mesmo originais em absoluto.¹

* Jornalista (Australian Journalists' Association – MEEA# 2977131)

Presidente da direção da AICL (associação internacional dos colóquios da lusofonia)

¹ Em busca de clarificação do conceito de Identidade cultural – O caso açoriano como cobaia (1) in *Atas do Congresso do I Centenário da Autonomia dos Açores*, pp. 65-89.

Vamberto Freitas define-o assim:

O estar longe da ilha natal (que Machado Pires nos relembra ter sido a condição de “desterro” que exacerbou o sentimento de açoriano da Terceira no autor de Mau Tempo no Canal) só poderia levar, pois, a esse inevitável e melvilleano “choque de reconhecimento” em que nos situamos de imediato com ou no lugar do outro, qualquer outro falando qualquer língua, o nosso território, as nossas origens permanecendo determinantes na definição de quem somos e de onde viemos sem negarmos nunca a universalidade humana para além da geografia e da própria cultura, entendida como sendo a nossa mundividência na diversidade do mosaico das nacionalidades e etnias, na diferença dentro de um todo. ... Raul Brandão entendeu-nos com tanta clareza porque reconheceu, ele próprio, a irmandade de alma com os que cá permaneciam escondidos na bruma e na solidão, temerosos e ao mesmo tempo afoitos ante a natureza de ilhas vulcânicas, tendo provavelmente sentido o contrário do dito pessoano: “sou daqui como de toda a parte”.²

Quando cá cheguei desconhecia (ou desaprendera) quase tudo sobre o arquipélago, perdido em memórias de estudos liceais há muito obnubilados, em juvenis e vagas lembranças de Vitorino Nemésio numa TV a preto e branco, perorando semanalmente em “Se bem me lembro”. Guardara nos arcanos da memória o suicídio de Antero, esse enorme pensador das Conferências do Casino, e a saudável loucura (contagante e – para a época – refrescante) da poeta Natália Correia. Mas rapidamente me apercebi que ser açoriano era ser diferente, por mais que as ilhas evocassem Trás-os-Montes há cinquenta ou mais anos, com as suas estreitas e sinuosas estradas orladas com árvores pintadas a branco, com a ímpia ritualística matança do porco em casa, ao contrário do que as leis da UE prescreviam; com as suas festas de cariz pagão mesclado de catolicismo; com as suas procissões orladas com coloridas colchas à janela; com as suas romarias e romagens e em mais de milhentas características peculiares a este arquipélago.

Afirmando-me como australiano que (também, e sobremodo) sou, cedo entendi que estes açorianos tinham algo que a mim faltava e que nenhum dinheiro do mundo compraria: o tal sentimento de pertença,

² António M. B. Machado Pires, Páginas sobre Açorianidade, Letras Lavadas Edições, Ponta Delgada, 2013. Este foi o texto de apresentação do livro na Biblioteca Pública e Arquivo Regional, a 22 de março. Vamberto Freitas

essa forma idiossincrática de propriedade imaterial que me fez sentir mais pobre, mais vazio, mais “incompleto” do que os meus anfitriões açorianos. Sem necessidade de imigrar por razões políticas ou económicas gera uma nova pátria por opção (a Indonésia com a sua invasão neocolonial de 7 dezembro 1975 impedira-me de me tornar timorense, pelo que escolhi a vizinha e afluente Austrália), não fora refugiado de guerra, sem nunca descartar a memória ancestral da língua e cultura de meus avoengos, mas não encontrara ainda as raízes terrenas (no sentido botânico do termo) como as que ligam os açorianos a cada uma destas ilhas.

Já há muito dizia eu que Sidney (e depois, Bragança) eram a minha base terrena. ~~Se bem que goste de estar nos Açores e me identifique com a luta de alguns (ainda?) não os sentia a todos como irmãos. Partilhamos projetos de vida e sonhos mas não~~ estou na minha pátria. É a pátria deles, dos que têm ~~aquele~~ sentimento de pertença a que aludi. Penso que por mais que me esforce nunca serei um deles nem me aceitarão como um igual, como um par inter-pares. Ou não? Talvez esse dia chegue.

Para melhor se entender a mudança paradigmática que inopinadamente se abateu sobre mim, temos de retroceder a outubro de 2005 quando voltei a Bragança para o 4º Colóquio da Lusofonia. Nesse regresso, de curta duração, sentia já uma sensação estranha a preencher-me esse vazio interior. Na rua o outonal ar, bem fresco e muito seco daquela cidade, contrastava com a humidade micalense que me impregnava havia três meses. Não chovia, estavam 16 °C e fui a pé até ao restaurante Poças, local privilegiado de almoços e jantares, que agasalhei no baú mítico das memórias desde os anos de 1960, bem antes de ter saído de Portugal rumo aos Orientes exóticos e à Austrália.

Na manhã seguinte caminhei até ao Café Torre da Princesa, porto de abrigo quotidiano durante os meus anos de residência trasmontana. Revi os donos. O meu filho mais novo quis lá ficar com o seu amigo luso-suíço Stefan, antes de este rumar às ilhas para retribuir a visita. Depois, visitei uns primos direitos do meu avô materno, então com 83 anos, satisfeitos por serem lembrados pelos mais novos.


Foi então...

Nesse dia, pela primeira vez, ao sair da casa deles, a escassos metros daquela que fora a minha casa nos últimos anos em Bragança, experimentei um apelo inesquecível. Foi então que me senti trasmontano dos quatro costados, apesar do pouco tempo contabilizado a viver na região. Não sei dizer porquê, mas lembrar-me-ei sempre do instante exato e do calafrio que me percorreu a espinha. Ainda hoje sinto e revivo esse instante. Era já lusco-fusco, quando sofri aquela picada no coração, aquela



revigorante dor profunda de mágoa e alegria, em simultâneo. Tinha acabado de encontrar as minhas raízes. Senti os pés pesados a colarem-se ao solo. Uma experiência que se assemelha ao que se sente quando uma pessoa sabe que está apaixonada e que encontrou a alma gémea para partilhar o resto da vida.

Como alguém disse, em tempos, *a pátria não é o lugar onde nascemos mas o lugar onde o coração habita*. Ali estava bem visível. Descobri-a instantaneamente nas minhas origens e raízes. Bragança mátria. Que disso não restem dúvidas. Jamais sentira um apelo emocional tão forte, em parte alguma. Estava mais apegado àquela terra do que imaginara. Inenarrável sentimento. Não se descreve a quem nunca o experimentou. Sentimentos não se partilham em palavras.

Para os que têm uma só pátria ou sempre pertenceram a um local, de nascimento, trabalho ou necessidade, esta noção não se explica. Para os apátridas e expatriados eternos, sem bússola geográfica a marcar o ritmo de pertença, é fácil entender o que atrás disse. Um dia, tentarei explicar esta afeição através de pensamentos filosóficos que, de momento, não me ocorrem. Não se enuncia nem se define. É inexpressável.

 ~~mais sentira antes deste momento mágico, um tal sentimento de~~
~~pertença. Mesmo que os coevos bragançanos (também) me não aceitem,~~
~~não preciso deles para ser adotado. Podemos até não ter projetos comuns~~
~~ou seguir vias díspares mas fazemos todos parte da mesma família e esta~~
~~não se escolhe.~~ Tal como o meu pai, que dissera sempre ser de Afife (Viana do Castelo) embora nascido no Porto, eu também sempre me afirmara australiano. De nacionalidade, que não de nascimento. Agora, quando me perguntarem donde sou, direi TRANSMONTANO. De Bragança. Cidade, distrito.

Isto que acabo de narrar foi sentido e escrito em 2005 quando por fim encontrava um elo comum com os açorianos, o sentimento de pertença. Tínhamos algo em comum. A partir daí nunca mais deixei de ser australiano, bragançano e açoriano. Sei quão difícil é decifrar para quem nunca viveu pátrias e mãtrias diferentes, mesmo quando a língua falada é a mesma e a herança cultural tem traços comuns.

Entretanto, passei ~~em~~  anos nos Açores dedicados a muita monda literária em prol da divulgação da rica açorianidade literária arquipelágica e hoje sinto-me parte integrante deste povo  ~~ja ou não aprovado por~~
~~todos os que aqui nasceram,~~ tal como exprimi neste poema:

ser açoriano, [nos moinhos de porto formoso, 19/8/2013]

não se é ilhéu
 por nascer numa ilha
 é preciso sentir-lhe a alma
 partilhar raízes e dores
 acartá-la nos partos difíceis
 tratá-la nas enfermidades
 acariciá-la nas alegrias
 plantar, semear e colher seus frutos
 alimentar as suas tradições
 preservar a sua identidade

não se é açoriano
 sem amar as suas ilhas
 levá-las ao fim do mundo
 morrer por elas
 com elas
 para elas

Sinto agora que sempre aqui  enci mesmo sem o saber. Aqui realizo a plenitude do meu ser ilhéu ~~vou já antes escrevi:~~

A ilha para Natália Correia é Mãe-Ilha, para Cristóvão de Aguiar é Marilha, para Daniel de Sá é Ilha-Mãe, para Vasco Pereira da Costa, Ilha Menina, mas para mim nem mãe, nem madrastra, nem Marilha nem menina, mas Ilha-Filha, que nunca enteada. Para amar sem tocar, ver engrandecer nas dores da adolescência que são sempre partos difíceis.







Afinal, toda a vida fui ilhéu e embora perdesse sotaques nunca malbaratei as ilhas-filhas. Trazia-as sempre a reboque comigo, colar multifacetado de vivências de mundos e culturas distantes. Insular fui sempre. Primeiro em Portugal, ilhota perdida da Europa no Estado Novo; seguidamente em mais um capítulo naufragado da História Trágico-marítima nas ilhas de Timor e de Bali; depois na então (pen)ínsula de Macau (fechada da China pelas Portas do Cerco); ulteriormente na imensa ilha-continente chamada Austrália, e, posteriormente, nessa ilhoa esquecida de Bragança no nordeste transmontano, antes de arribar à Atlântida Açores.

Com o tempo constatei o generalizado (e também meu) quase total desconhecimento do arquipélago na Atlântida Açores, a ponta mais ocidental do antigo Império Português, para além do micaelense sotaque “de uma falsa sonoridade afrancesada” tão difícil de entender. Cumes de

montanhas submersas que assomam, a intervalos, no meio do Grande Mar Oceano onde se mantêm (contra tudo e todos) gentes orgulhosas e ciosas das suas tradições e costumes, ainda unidas em torno da família nuclear dizimada pelo chamado progresso.

Os políticos distraídos na sua atarefada sobrevivência sempre se distraíram, olvidados da presença mágica destas ilhas de reduzidas proporções e populações, quiçá ainda por descobrir. Graças a esse deprimente meio de comunicação unilateral chamado telenovela, gente houve que aprendeu [mal] algo sobre este mundo à parte, que ora se abre por via das companhias de aviação de baixo custo (*low-cost*). Como se fosse uma espécie de triângulo das Bermudas, onde tudo o que é relevante desaparece dos telejornais. Já era assim durante o Estado Novo e pouco mudou quanto à visibilidade real destas ínsulas, apenas evocadas pelas catástrofes naturais e pelo anticiclone do bom ou mau tempo.

Grandes vultos nasceram nos Açores: **Gaspar Frutuoso** (1522-1591), historiador; o **conde de Ávila**, (Joaquim Thomaz Lobo de Ávila, 1822-1901) marquês e duque de Ávila e Bolama; **Manuel de Arriaga** (Manuel José de Arriaga Brum da Silveira e Peyrelongue, 1840-1917) advogado, professor, escritor e presidente da República; **Antero de Quental** (1842-1891) filósofo e poeta; **Teófilo Braga** (1843 -1924), escritor e presidente da República; **Roberto Ivens** (1850-1898) oficial da Armada, administrador colonial e explorador africano; **Thomaz Vaz de Borba** (1867-1950), sacerdote, músico e compositor, mestre de quase todos os melhores compositores portugueses do séc. XX; **Francisco de Lacerda** (Francisco Inácio da Silveira de Sousa Pereira Forjaz de Lacerda, 1869-1934), musicólogo, compositor e maestro; **Canto da Maya** (1890-1981), escultor; **Domingos Rebelo** (1891-1975), pintor; **Vitorino Nemésio** (1901-1978), escritor, e **António Dacosta** (1914 -1990), pintor, para mencionar apenas alguns.

Mas quantos sabem quem são ou quem saberá que eram açorianos? Mesmo aqui há um desconhecimento em  e da enorme abundância de notáveis filhos diletos destas ilhas, enquanto se adia o enriquecimento do currículo escolar regional com factos  relevantes da sua cultura e da sua história. No tocante à literatura temos vindo a  ~~isso~~ nos Colóquios da Lusofonia com a publicação de antologias e a disponibilização gratuita dos Cadernos de Estudos Açorianos³ com excertos de obras de autores açorianos, na sua maior parte esgotadas ou que raramente se encontram nas bibliotecas. Temos igualmente  efetuado a tradução  de  certos de exer-

³ (<http://www.lusofonias.net/cadernos-suplementos-videohomenagens-bibliografia/2015-08-07-21-29-07.html>)

tos das suas obras em línguas diversas (Francês, Inglês, Italiano, Romeno, Polaco, Búlgaro, Esloveno, Russo, etc.)

Voltemos assim ao tema que designamos como Açorianidade e que defendo ao longo destes 24 Colóquios da Lusofonia já efetuados (fazemos dois em cada ano desde 2006, 9 edições nos Açores).

Acolho como premissa o conceito de *açorianidade* formulado por José Martins Garcia que, «*por envolver domínios muito mais vastos que o da simples literatura*», admite a existência de uma literatura açoriana «*enquanto superestrutura emanada dum habitat, duma vivência e duma mundividência*»⁴.

Onésimo de Almeida escreveu dois livros e coordenou outro sobre o tema: *A Questão da Literatura Açoriana* (1983), *Da Literatura Açoriana – Subsídios para Um Balanço* (1986) e *Açores, Açorianos, Açorianidade* (1989).

Nesses já longínquos anos, falava-se em artesanato, folclore e cultura mas era incómodo falar em literatura açoriana, por razões políticas. Vitorino Nemésio, em 1975, deixara-se instrumentalizar pela FLA – *Frente de Libertação dos Açores* –, movimento independentista, como candidato a Presidente da futura República. Contra a vontade de muitos, os separatistas insistiram em usar a literatura como um dos símbolos da identidade nacional açoriana. Isto criou a ilusão de que quem fosse considerado escritor açoriano tinha o selo de qualidade e deu voz a muitos que em nada dignificam a sua enorme riqueza açoriana.

Citando J. Almeida Pavão⁵:

[...] de Onésimo de Almeida, diríamos que o seu critério, assente na idiosincrasia do homem das Ilhas, nelas nado e criado, nos levanta uma dificuldade: a de englobarmos no mesmo conteúdo da Literatura Açoriana os autores estranhos que porventura as habitaram, já na idade adulta, como o Almeida Firmino de Narcose ou as visitaram, descortinando as suas peculiaridades pelo impacto de estruturas temperamentais forjadas em ambientes diversos, como é o já citado caso de Raul Brandão de As Ilhas Desconhecidas. Entendemos, pois, que deverão ser abrangidos num rótulo comum de insularidade e açorianidade três extratos diversos de idiosincrasias:

– Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;

⁴ http://lusofonia.com.sapo.pt/cores/acorianidade_pavao_1988.htm#_ftn11#_ftn11

⁵ “Constantes da insularidade numa definição de literatura açoriana 1988

- *O dos insularizados ou «ilbanizados», adotando a designação feliz utilizada por Álamo Oliveira, a propósito do já referido poeta Almeida Firmino;*
- *E ainda o dos estranhos, como o também já mencionado Raul Brandão. [...]*

Quando falo de AÇORIANIDADE há nomes que me ocorrem naturalmente e que me apresso a indicar aos neófitos aprendizes das letras de matriz açórica:

Álamo (Oliveira) é um artesão de palavras, poeta telúrico, eclética voz que se ergue do seu canto no Raminho na Ilha Terceira gritando a sua açorianidade literária, narrador de andanças por terras da Europa, Brasil e das Américas.

Cristóvão de Aguiar é um escritor incómodo pois não só se libertou das grilhetas do espaço confinado das ilhas como conseguiu provar com a sua prolífica produção literária aquilo que mais se entreteteve a negar: a existência de uma literatura açoriana.

Dias de Melo era um baleeiro do Pico e arpoava palavras. Escreveu como se da janela da sua “Cabana do Pai Tomás” no Alto da Rocha na Calheta de Nesquim vigiasse os botes da Calheta, baleando contra os Vilas e os Ribeiras.

Victor Rui Dores afirma que faz das “*suas itinerâncias e peregrinações uma geografia afetiva de lugares, memórias e coisas, atravessadas por olhares, impressões, alusões, afetos e imagens, procurando na viagem não o destino mas a sua própria natureza*”.

Vasco Pereira da Costa é um poeta consumado representativo da universalidade da açorianidade quando escreve

*Quem inventa ilhas apenas cria
sabidos paraísos e infernos ainda iguais
às vidas já vividas na agonia
de ser o menos e almejar o mais.*

*Quem em ilha nasce logo cedo reconhece
onde o menos se distende e como o mais fenece.*⁶

Tal como **Eduíno de Jesus, Emanuel Félix** está entre os mais representativos autores contemporâneos como facilmente se comprova neste excerto

⁶ *Terras*. Porto, Campo das Letras – Editores, S.A., 1997, p. 16

*Um homem pode amar uma pedra
uma pedra amada por um homem não é uma pedra
mas uma pedra amada por um homem*⁷

Tal como Vasco Pereira da Costa que nasceu numa “ilha por cima do mundo” também eu sou um privilegiado por viver neste arquipélago sobre esse mesmo mundo.

Servi-me destes poucos exemplos apenas por absoluta falta de espaço, deixando desnecessária mas aleatoriamente, de fora, dezenas de outros autores maiores e (também alguns menores) que muito admiro como (por ordem aleatória) Fernando Aires, Eduardo Bettencourt Pinto, Urbano Bettencourt, Onésimo T Almeida, Marcolino Candeias, Norberto Ávila, José Martins Garcia, Judite Jorge, Luísa Soares, Madalena Férin, Maria de Fátima Borges, Joana Félix (filha de Emanuel Félix), Roberto Mesquita, Pedro da Silveira, Renata Correia Botelho (filha de Emanuel Jorge Botelho), Tomaz Borba Vieira, e tantos, tantos outros.

Mas convém referir que há uma característica comum à maioria deles. Se não conhecesse a sua matriz bastaria ler extratos das suas obras para neles encontrar traços indeléveis da açorianidade, mesmo quando não escrevem nos Açores ou sobre os Açores. Mesmo que eles o neguem ou chamem redutora a essa minha leitura.

O melhor exemplo disto ocorreu em 2007 enquanto traduzi *O Pastor das Casas Mortas* de Daniel de Sá, alegadamente localizado nas Beiras. Na altura ainda mal conhecia o autor mas vi nas suas descrições uma alegoria às marcantes recordações da infância passada em Vila do Porto (traduzia em simultâneo *Santa Maria, Ilha-Mãe*) e quando visitei a ilha-mãe tirei fotografias a todas casas e ruínas de casas onde ele vivera. Eu “sabia” pela tradução que fizera que as que fotografara eram as mesmas que descrevera na tradução de *O Pastor das Casas Mortas*.

Em 02/06/2010 escrevia o Daniel,

“O Chrys, para além de algum exagero ditado pela amizade, entrou-me na alma como se lbe conhecesse os cantos todos. Não há uma única referência à minha maneira de ser ou de pensar que eu tivesse de corrigir.”

Em 13/09/2010 ao ver fotos das pedras acrescentava:

Emocionei-me mesmo, corisco adotivo dum raio. Eu sabia que facilmente descobririas a casa da Ribeira do Engenho bem como, mais facilmente ainda, as ruínas da casa do pastor de ovelhas, de cabras e de vacas.

⁷ Pedra-Poema para Henry Moore, [Félix, Emanuel, De O Vendedor De Bichos, 1965

Aquela casinha da Ribeira do Engenho mantém-se tal e qual era há sessenta anos, quando nos mudámos para a de Santana, a tal que nunca tinha sido chamada casa antes de lá morarmos. Um forte abraço, como-vido.

Tenho saudades daquelas pedras. Elas não tinham culpa de não terem qualquer nobreza. Nós demos-lhes a possível. De caráter, claro.

Obrigado. Um forte par de abraços. Daniel.

Idênticos casos se passaram com outros autores que traduzi pelo que me arrisco empiricamente a afirmar:

Se um dia fizermos o inventário do pó dos livros que escreveram verificaremos que, tal como o ar que respiramos, contém 78% do volume em massa de nitrogénio (N2), 21% de oxigénio e 1% de outros gases, principalmente o nobre árgon (Ar) com quase 1%, e o dióxido de carbono (CO2) com cerca de 0,035%, mas tal como a matéria negra contém doses enormes de açorianidade invisível.

Os cientistas sabem que a matéria negra existe e está lá fora, em algum lugar, mas não entendem ainda exatamente o que é. A sua existência é perceptível em função da força gravitacional que exerce nos movimentos de outros objetos (como estrelas e galáxias), mas ela não pode ser vista, pois não emite nenhuma luz e tampouco a absorve. A açorianidade é como a matéria negra e subsiste independentemente de se provar que existe ou é vista. Como Cristóvão de Aguiar escreveu: «Primeiro foi a ilha, nunca mais a encontramos como a havíamos deixado...trouxemos somente a imagem dela ou então foi outra Ilha que connosco carregámos...»⁸

Sobre ele escrevi há anos⁹:

Nestas navegações literárias, uma pessoa não lê apenas mas percorre uma viagem tridimensional recheada pelos sentidos que fluem da escrita como lava “paboe-boe¹⁰” de aparência viscosa mas fluida, brilhante e entrançada como cordas prateadas. Outros autores subitamente parecem ser do tipo lava “A a¹¹” que é grossa e áspera, um magma de rochas solidificadas que são impelidas. Aqui nada é empurrado embora, por vezes, se assemelhe na descrição e nos contornos emocionais à pedra-pomes, o piroclasto dominante das rochas traquíticas. A observação de

⁸ Relação de Bordo II pp. 199-200)

⁹ In Atas do 14º Colóquio da Lusofonia – Bragança – outº 2010

¹⁰ Pron. pah hoi hoi

¹¹ Pron. ah ah

qualquer pedaço de basalto revela-nos, quase sempre, a existência de vesículas disseminadas na rocha e tais vesículas são de tal modo estanques, que a rocha pode flutuar na água por largos períodos. Resultam de gases separados do magma que, não tendo conseguido escapar para a atmosfera, ficaram aprisionados na rocha sob a forma de bolhas onde também ficam retidos ad eternum todos os leitores. A escrita lávica de Cristóvão fica retida a vogar no imaginário. Ela instigara JC a escrever esta lamentação com o frêmito ciumento de todos os que não conseguem escrever da forma única e inimitável como só ele sabe e sente os Açores. Essa é a sua forma de amar e de gratificar a terra que o viu nascer... Para que a ilha desate as grillbetas que a encarceram no passado e ele [Cristóvão] se desobrigue finalmente da tarefa hercúlea de carregar a ilha como um fardo ou amor não-correspondido, que nisto de ilbarias há muitas paixões não correspondidas. É ele o lídimo representante da mundividência açoriana na escrita contemporânea.

Em 2010, Vasco Pereira da Costa foi um dos convertidos ao espírito dos Colóquios da Lusofonia. Quedemo-nos, doravante, na perspicaz apreciação que faz Cristóvão de Aguiar¹² da sua obra intitulada *Nas Escadas do Império*¹³:

*Não é por acaso que Vasco Pereira da Costa, poeta de mérito, se apresenta no mundo das letras sobraçando uma coletânea de contos. Numa terra onde quase todos sacrificam às (as) musas e se tornou quase regra a estreia com um livrinho de poemas, a atitude (ou opção) do autor de *Nas Escadas do Império* não deixa de ser de certo modo corajosa como corajosos são os contos que este livro integra. O que abre esta coletânea, *Faia da Terra*, é bem a prova do telurismo ... de que o jovem escritor está imbuído. Não resta a mínima dúvida de que “O Gibicas”, “A Fuga” e outras peças de antologia que aqui figuram vêm contribuir para o enriquecimento do conto português de especificidade e característica açoriana.*

Com efeito, não podia deixar de ser mais justo o juízo de valor supracitado.

Era sexta-feira e a mãe amassava o crescente com a farinha de milho. No forno estalavam a rapa, o eucalipto e o loiro: [...] Lavou depois as folhas de

¹² In *Relação de Bordo*, trilogia, Diário ou nem tanto ou talvez muito mais (1964-1992), edição d'autor, 1999, entrada “Coimbra 27 de setembro de 1978”

¹³ *Nas Escadas do Império*, Vasco Pereira da Costa, 1978, Coimbra, Ed. Centelha

botar pão e veio sentar-se ao pé dos meus socos de milbo – bois de veras, espetados com palmitos queimados arremedando os galbos – no estrado do meio-da-casa. Arrumou as galochas no sobrado [...]” (1978: 11).

Por vezes, é a loucura insular que faz a sua aparição em cena, na figura do poeta Vicente, “*um Côrte-Real impotente, tacanho e degenerescente*” (1978: 71), o qual, volvido esse tempo em “*que escrevia coisas tão lindas, de tanto sentimento*”, tem o despautério de acumular guarda-chuvas na falsa e de publicar no jornal da Ilha desairosos alinhavos poéticos:

[...] *Prometeu / Prometeu / Não cumpriu / A promessa / Homessa!* [...] ¹⁴

Cumprir salientar o apurado sentido linguístico, responsável pelo discurso das personagens (direto, indireto e indireto livre) que, caricaturalmente individualizado, se torna emblema de um falso cosmopolitismo insulano, ao qual não é alheio o inevitável açorianismo:

Os americanos [...] Abancam mesmo rés-minés ao lado dos ingleses. Cinco. [...]

Cham-pa-gne! Cham-pa-gne!

Everybody drinks!

Ei, seinhore!

Today, pay day!

Ou viste? Olha que o mar não está de lapas! [...] Nove taças na bandeja; [...]

Os ingleses que no thank you; os americanos que yes, que sim senhor; os ingleses, dedos a abanar, que nada de caltraçadas, just Porto Wine; os americanos, pegadinhas, que O.K. para cima, que O.K. para baixo, [...] Nosso Senhor os aparte em bem. Se assim não fora, tínhamos para aí camponia. ¹⁵

Em terceiro lugar, e ainda na ótica de Cristóvão de Aguiar, a coragem de Vasco Pereira da Costa, que a sátira, nas suas diversas vertentes, revela à sociedade. Assim sendo, atente-se na crítica ao salazarismo, regime represor, totalitário e punitivo dos que ousam transgredir as regras impostas “*Como vim aqui [à ilha] parar? É simples: por ser anarquista e não peitear o Manbolas de Santa Comba*” ¹⁶ e atente-se também na crítica a uma certa ‘cultura de superioridade’ que Mestre Gibicas se apresta a denegar:

¹⁴ “A Fuga”, 1978, p. 74.

¹⁵ Belmiro & Delmiro, 1978, pp. 42-43

¹⁶ O Manel d’Arriaga, 1978, p. 31

“ [...] estávamos de língua entre os dentes para sibilar o *th*. O professor fazia empenho pois [...] era uma vergonha virem por aí abaixo os americanos e nós sem sabermos agradecer. [...]”

Até que foi a tua [Gibicas] vez. [...] Agarraste na caixinha vermelha, azul e branca, com as estrelinhas desse people para o nosso povo e, sem esperar o afago da farda grandalhona, gritaste-lhes alto, como ninguém ainda o fizera: – SANABOBICHAS!¹⁷”

Em asterisco de rodapé, explica o Autor o neologismo: “*Son of a bitch*”.

Em quarto lugar, a variedade genológica em que se move o Escritor homenageado, desde o conto e a novela, até à memória e à “crónica” breve, passando pela Poesia. A este propósito, não resistimos à tentação de transcrever o poema “*Rose era o nome de Rosa*”:

*A mãe disse não mais
não mais eu não mais tu filha
não mais nomes na pedra do cais
não mais o cortinado da ilha*

*não mais Rosa sejam Rose agora
não mais névoas roxos ais
não mais a sorte caiçora
não mais a ilha não mais*

*Porém Rose o não mais não quis
e quis ver a ilha do não mais
o cortinado roxo infeliz
os nomes na pedra dos cais*

*Pegou em si e foi-se embora.
Não mais Rose. Rosa outra vez agora.¹⁸*

E termino dizendo: *Olha Vasco já to disse e repito. Escrever a açorianidade não é redutor! Na tua escrita não estaremos nós perante a universalidade da açorianidade?*

Nem sequer é preciso ser-se bucólico ou neorrealista. Os pássaros a gorjearem nos telhados, já que árvores havia poucas, recriavam sempre mentalmente uma cena tipicamente retirada dum álbum de memórias de tempos que não vivi. Uma bela vista sobre o mar imenso propenso a nor-tadas cortantes, o célebre “mata-vacas” de nordeste, motivando sempre o

¹⁷ Gibicas, 1978, pp. 137-138-141

¹⁸ My Californian Friends, 1999: p. 25, Vasco Pereira da Costa, Ed Palimage

irónico comentário “fecha o frigorífico”. É curioso este povo rural que me rodeia que nem se apercebe do chilrear dos pássaros, afadigado na sua labuta de vaqueiros, sete dias em cada semana todo o ano, chova ou faça sol. Enquanto houver vacas e subsídios de Bruxelas.

Ao domingo os homens ficam em amena cavaqueira à porta das igrejas (sem entrarem) ou vão a uma das tabernas e cafés mais próximos. Depois, durante o ano, a gente os vê a pegarem nos andores das inúmeras procissões e a fazerem as suas romagens. O pagão e o tradicional ritual cristão estão de tal forma cruzados que nem se entende onde um começa e outro acaba. Perpetua-se a manutenção de fachadas tradicionais cristãs para os vizinhos verem em trajos domingueiros. Ou aforra-se o ano inteiro para o cerimonial da festa anual da paróquia, como no tempo em que era costume apalavrar-se o casamento das filhas já espigadotas.

Ainda hoje se repetem tais cerimónias adulteradas mas mantendo traços cujas raízes e razões ninguém se dá ao cuidado de recordar. Por outro lado, os “mordomos” dos “Impérios” persistem anualmente na sua compita para serem melhores e maiores do que os antecessores, gastando o que têm e não têm para desfrutarem dessa honra. Tudo isto tem pouco de católico e de cristão. Ritos repetidos que todos reproduzem (em especial nos meios mais rurais) sem se inquirirem. Capazes de afiançar, por alma deste, daquele, e daqueloutro, em nome do Santíssimo, do Divino e do Santo Cristo, que são do mais católico que alguma terra portuguesa já mostrou. Incongruências sobre as quais não convém falar. Menos ainda debater. Aqui ficam registadas para que se saiba.

As mulheres, que não ficam à porta das igrejas e vão à missa, cumprem outros cultos sagrados, como o da procriação, o cuidar da casa, dos filhos e de outras tarefas “de mulher”. O casamento era sempre um pacto interfamiliar cujo objetivo único era o da procriação. A inferioridade feminina provinha da própria fragilidade do sexo e da sua fraqueza ante os perigos da carne. Na prática do sexo – sempre com o objetivo de procriação – jamais deveriam mostrar qualquer sensação de prazer. A elas compete continuarem com a sua tarefa de mulheres. Submissas. Ordeiras. Devotas. Tal como as filhas, sempre excluídas da sucessão, a não ser por obrigação da viuvez. Obedientes aos superiores interesses do machismo feudal e eclesiástico. Como aquele que ora se critica nas sociedades muçulmanas. Sem terem voz que se ouça, exceto nas cavaqueiras femininas à volta da mesa do café (ou nas páginas do Facebook para as mais progressistas), mas só durante o dia, que à noite essa frequência de cafés e bares está reservada aos homens. Apenas a eles. A eles incumbe a tarefa de serem homens.

Esta ruralidade evoca Portugal em 1950. Há mais carros, televisão, internet mas os homens continuam a mandar nestas comunidades rurais onde as separações e divórcios são (ainda hoje) motivo de falatório prolongado como exceção e não a regra. Por isso tantos expatriados esperam, ainda hoje, pelo verão para virem casar na freguesia natal.

Outra curiosidade insular. No meu primeiro inverno açórico (2006) dei conta que a celebração do carnaval começava com o Jantar dos Amigos. As mulheres em casa e os homens fora, como nos restantes dias do ano. Depois do jantar há *striptease* que ajuda o ego frustrado de tanto macho latino reprimido que aí há. Na semana seguinte é a Noite das Amigas com *striptease* masculino. Para preferências sexuais alternativas ainda não há dia no calendário.

Na semana subseqüente é a Noite dos Compadres e depois a das Comadres. Curiosas tradições da ilha, com direito a espaço informativo nas televisões do continente. Lentamente se aprende de que é feita a massa cinzenta e menos cinzenta, destas gentes. Era vê-los em frente às câmaras de televisão, todos lampeiros, saciados, depois de se alambazarem com comida e bebida à espera da “sobremesa”. Não sabem que o excesso alimentar e de álcool reduz as capacidades de desempenho sexual? Desconhece-se e ninguém o noticiou, o que os homossexuais fizeram nessa noite mas pode calcular-se.

Reza a tradição que se comiam Búzios e Rosas do Egito. Mas não consta que os contemporâneos os comam. Búzios são uns bolinhos carnavalescos (da ilha de Santa Maria), que estendidos sobre um guardanapo tecido em tear, ficam com umas estrias peculiares. As Rosas do Egito são as Filhós de forma...Serão mais saborosas as meninas do *striptease*? Quando as açorianas saem à rua nesse dia, não se consegue entrar em bares e restaurantes sem reserva antecipada. Todos os anos, as quatro quintas-feiras que antecedem a terça-feira gorda de Carnaval são celebradas com Amigos, Amigas, Compadres e Comadres. Quando começou a tradição, única em todo o País, ninguém sabe. Consta que data do fim séc. XIX sendo mantida nas comunidades de além-mar.

Para as mulheres, nesta sociedade mais conservadora do que a portuguesa, é a oportunidade de fazer o que “eles” fazem o resto do ano. Isto quer dizer, nas zonas mais rurais, meramente a possibilidade de sair de casa à noite. As jovens, casadas, solteiras ou em qualquer estado de conúbio, juntam-se, jantam e desinibem-se sem olharem para o relógio. Os bares e restaurantes oferecem “*strippers*”, “caraoque” ou música ao vivo a acompanhar *buffets* de preço reduzido para aumentar o negócio.

Nos últimos anos até o Teatro e o Coliseu Micaelense abriram as portas a sessões especiais com centenas de pessoas. As mulheres todas adornadas, depois da ida obrigatória ao cabeleireiro, que não faz parte das suas semanais rotinas. A excitação aumenta e consta (mas não se pode comprovar por falta de estatísticas fidedignas) que ao chegarem a casa celebram ruidosamente e nove meses depois dão à luz. Daí o elevado número de nascimentos em outubro. Enfim, um dia simbólico de libertação de grillhetas que se voltam a colocar após aquela data como se esse dia nunca tivesse existido.

Voltemos a temas mais sérios. Há um preço a pagar nesta vida de ilhéu a que voluntariamente me submeto, na costa norte da ilha de São Miguel, num lugar assolado por ventos ciclónicos e nevoeiros de São João o ano inteiro. Há solidões solitárias e multidões ermas. Faltam tertúlias como as que recordo dos anos finais do Liceu e do início do percurso na faculdade. Nos primeiros anos aqui em São Miguel houvera um arremedo de reuniões assim, nas cálidas tardes de verão ou nas longas noites de invernia insular, no bar dos Moinhos de Porto Formoso, do emigrado jornalista açor-canadense José Soares. Nelas participavam os falecidos Manuel Sá Couto e Daniel de Sá, e dentre os vivos, Victor Hugo Forjaz, Teresa e João Nóbrega, o Onésimo, o senador Daniel Ponte dos EUA, o Osvaldo Cabral, o Zé San-Bento, o Moniz (dos Algarves), a Brites Araújo, a Susana Margarido e tantos outros e outras que iam e vinham consoante a chuva, o frio e a humidade ilhoa que desperta essa vontade inaudita de contaminação humana. Todos à deriva neste imenso Mar Oceano. Lá nos Moinhos conheci sempre pessoas diversas, de todos os países e condições, ao longo dos anos, fossem eles micaelenses, expatriados ou não, ou meros turistas de ocasião, com as quais mantive diálogos interessantes e memoráveis.

É em ocasiões destas, e em tantas outras que não me apetece evocar, que descoroço em total desespero, ansiando lançar os braços ao mar e nadar para outra ilha.

Noutras ocasiões de excessiva solidude urge fugir para o mítico Pico da Atlântida submersa, cujo magnetismo me fascina ao ponto de desejar, vezes sem conta, mudar de armas e bagagens para esse Triângulo Sagrado onde faria imolações e outros sacrifícios ritualísticos nas aras do destino. Não sendo das Bermudas esse triângulo isósceles, que nunca escaleno nem obsceno, seria ótimo pousio final para as minhas cinzas quando chegar a estação de fazer como as cobras e trocar de pele. Despir a bela capa colorida terrena, de há seis capicuas, e vestir o cinzento das cinzas que sonhei sempre lançar ao Pacífico Oceano. Já o escrevi alhures mas, por

ora, contentar-me-ia com este Mar Oceano, derivado líquido da lendária terra dos Atlantes cujos picos habitam. Neste bucolismo ilhéu sentir-me-ia bem com António Feliciano de Castilho, escritor que todo o mundo já esqueceu. Propício para uma Florbela Espanca poder escrever poesia mais alegre, ou para um António Boto ser menos suicida, mas menos indicado para Cesário Verde ou para o António Nobre se sentir menos “Só”. E entretanto resisto a esse chamamento magnético.

Em 2015, mais do que em anos transatos, com a vinda das companhias de aviação de baixo custo (*low cost*), senti que a minha praia favorita dos Moinhos de Porto Formoso, estava cheia de forasteiros. Há um afluxo maior de portugueses, alemães, holandeses, espanhóis e outros. Vai-se a um restaurante e só se ouve o falar lisboetês em destrinça do micalense. Este sentimento de pertença e esta minha aparente repulsa pelos forasteiros mostram vínculos identificadores com o meio circundante, como se dele fizesse eu já parte efetiva.

Serei já açoriano?

Lomba da Maia (São Miguel, Açores) outubro 2015